

estamos todos presos¹**edson passetti & acácio augusto****Para Louk Hulsman*

Personagens:

<i>Corifeu</i>	<i>Anarquista</i>
<i>Novato</i>	<i>Alexander Berkman,</i>
<i>Jovem Mulher</i>	<i>(por Anarquista)</i>
<i>Homem</i>	<i>Emma Goldman</i>
<i>Homem 1</i>	<i>Judith Malina</i>
<i>Homem 2</i>	<i>Julian Beck,</i>
<i>Homem 3</i>	<i>(por Novato)</i>
<i>Mendigo,</i>	<i>X (Atriz)</i>
<i>(por Anarquista)</i>	<i>Y (Atriz)</i>
<i>Assistente Social</i>	<i>Z (por Anarquista)</i>
<i>Terrorista</i>	<i>Cantora</i>
<i>Terrorista</i>	<i>Louca</i>
<i>Revoltado,</i>	<i>Cobrador</i>
<i>(por Anarquista)</i>	<i>Operária 1</i>
<i>Banqueiro</i>	<i>Operária 2,</i>
<i>Garoto</i>	<i>(por jovem mulher)</i>
<i>Senhora</i>	<i>1, 2, 3, 4 (Atores)</i>
<i>Policial</i>	

* Edson Passetti é Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Acácio Augusto é mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol.

O corpo de Novato está no centro do palco, ligeiramente iluminado. O elenco senta-se em volta do palco e deita-se na mesma posição do Novato. O anarquista ajuda Novato a ficar de pé. Aos poucos os demais se levantam e todos dançam. Novato permanece em pé no centro do palco de braços abertos e mãos alinhadas perpendicularmente ao antebraço. Ele é um vírus?

Corifeu: “... falo da responsabilidade do poeta, esse irresponsável por direito próprio, esse anarquista apaixonado por uma ordem solar e jamais pela nova ordem, ou o *slogan* que faz 5 ou 700 milhões de homens marcarem passo numa paródia de ordem; falo de uma coisa que vai contrariar profundamente os comissários ... Todo comissário está pronto para ver no poeta o maricas ou o cocainômano ou o irresponsável de turno; e o mais espantoso é que certa vez houve um comissário chamado Platão.”²

Black-out

Abertura

Elenco, Novato e Jovem Mulher

Novato: “Ao caminhar em meio aos julgadores, roupa Cinza e gasta vestia;
Tinha um boné de críquete, e seu passo lépido
E alegre parecia;
Mas nunca em minha vida vi alguém olhar
Tão angustiado o dia.”³

J. Mulher: “Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,

Estamos todos presos

Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...

Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar..."⁴

Black-out

Novato: "Como pode a revolução significar a sujeição de alguém, como pode a liberdade significar o domínio sobre o ex-rei da parte dos súditos? Tais relações são demasiado tristes para o novo mundo. Após a revolução nada mais de punição. Mas estamos falando de uma transformação no espírito, no ânimo. A economia é o córtex, a política é a epiderme."⁵

Black-out

Cena 1. Na Cela

Homem, Homem 1, Homem 2, Novato, Homem 3, na cela masculina

Mulheres sentadas na cela feminina. Uma delas permanece em pé, como chefe.

Homem: (Desligando o celular-rádio). Merda. Tá olhando o quê? (Dirige-se para o Novato)

Homem 3: O que 'tá acontecendo aí?

Novato: Problema seu!

Homem: (*Dá um soco e empurra Novato*). O que você 'tá agitando aí? Acabou de chegar e quer o quê? Cabeça baixa! Preciso dizer quem manda? Presta atenção. Escuta bem o que vou dizer.

Novato: Vai bancar o pastor, agora? Não preciso disso, logo 'tô fora daqui.

Homem 2: Você pode até sair rapidinho, mas não vai esquecer jamais que se "para os que vivem em liberdade, a visão é o sentido mais importante, para nós, é a audição."

Homem 1: Sabe por quê? Você vai sempre lembrar: a "porta que range, o assovio do amigo, o pigarro combinado, vozes ao longe, passos num corredor...", domingo na visita íntima, e rapidamente não vai esquecer, também, quanto tempo você tem pra "tomar providências. Quando o alarme vem pelos olhos é sinal de que a coisa está feia: o preso só vê quando foi visto primeiro".⁶

Homem 2: (*Para Homem 2*) Porra, já deu errado com os irmãos no mundão e esse cara me enchendo o saco. Mas, rapidinho, ele aprende como funciona.

Homem 1: Esse aí ainda não entendeu que aqui ele começou um curso novo. Essa é outra faculdade.

Novato: Então, tem o pastor, e agora o professor...

Homem: Falou demais. Liga o sistema que no banho de sol, os irmãos vão explicar melhor pra ele. Aqui você vê, ouve e leva no coro. Não vai esquecer

Estamos todos presos

as lembranças na pele. (*Os homens cercam Novato na cela para lhe aplicar uma surra. No outro canto, as mulheres em pé assistem de sua cela a algum entrevero similar. Homem distancia-se do grupo que cerca o Novato, posiciona-se próximo ao público e simula sacar um revolver*). Não se esqueça “o importante de tudo é que ninguém nos deterá nessa luta porque a semente se espalhou por todos os sistemas penitenciários do Estado e conseguimos nos estruturar também do lado fora com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis...

Homem 2: (*Aproximando-se*)... mas nos consolidamos a nível estadual e a médio e longo prazo nos consolidaremos a nível nacional...

Homem 1: ... Conhecemos a nossa força e a força de nossos inimigos. Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido. Liberdade, justiça e paz.”

Elenco: ... um povo unido jamais será vencido. Liberdade, justiça e paz.”

Homem 2: “Aquele que estiver em liberdade ‘bem estruturado’, mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, será condenado à morte sem perdão.”⁷ (*Silêncio*).

Homem 3: (*Toma a frente do grupo*) Nós vamos participar da política de privatização da prisão.

Mulher da cela aproxima-se do centro e emite um grito de desespero. Os demais assistem impassíveis.

Black-out

Cena 2. Um mendigo, Um habitante de rua

Elenco e Mendigo

Elenco deitado como corpos abatidos. Assistente Social, agacha e inicia conversa sussurrada com um deles, da qual só ouvimos murmúrios.

Mendigo: (Agachado como um babuíno) Não tenho história. A minha história é a mesma de qualquer outro morador de rua. Se ele (aponta para um outro qualquer) soubesse que você ia aparecer, e se tivesse televisão pra gravar, ele era capaz até de pintar o cabelo. (Pausa) Do que você riu? (Pausa) Não vou fazer biografia, nem dizer o que eu fui, mas nós que aqui estamos não cabemos nem numa possível família, casa, rua, amigos que tivemos ou ainda temos. Não pergunte porquê. Não volto lá e pouco importa se vão me ver aqui. (Elenco, num salto, posiciona-se como bando de babuínos que segue Mendigo transformado em líder em saltos coordenados em direção ao público). Não sou, não estou, sou o que não cabe em lugar nenhum. Sou o que vive na rua, o flagelo, o resto dos drogados, dos egressos, dos evadidos e de quaisquer outras palavras que caberão no seu formulário. Sou uma das poucas pessoas que andam livre e sem medo pelas ruas. (Mendigo em pé e o elenco movendo-se em direção ao público como babuínos) Ando com o padre, ando com a peste.

Black-out

Cena 3. O banqueiro, Hoje, Século 21

Banqueiro, Novato, Jovem Mulher e Anarquista

Banqueiro: “Há uma barreira intelectual e social no Brasil: presídio não é assunto para uma roda social. O que as pessoas discutem é: mata ou não

Estamos todos presos

mata. Esse fosso entre a sociedade e o preso é extremamente perigoso. O sistema é reciclável. O criminoso vai e volta, vai e volta, e cada vez aumenta mais.”

Novato: Pra banqueiro nada é difícil... nem ficar um tempo na cadeia. Rapidinho adquire respeito. O banqueiro é o dono da grana, do faz me rir, ‘tá de bem com o pastor, com pai de santo, com a organização e com os otários.

Banqueiro: “A maneira de se combater esse crime organizado não é (...) com a polícia, matando, prendendo — não é nada disso. Isso não resolve absolutamente nada. Só instiga o problema. Isso se resolve dando uma condição correta ao preso e à sua família. E como é que se dá essa condição correta? Com uma palavra: trabalho. O preso tem que trabalhar e ganhar bem, tem que ser produtivo, para que se reedueque e entenda a função social da pena.”

Novato: Como o cara é bonzinho! Bom para os colegas dele, industriais, bom para a organização, bom para a prisão não acabar. É tão bom que até dá nojo de bom que é.

Banqueiro: “O crime organizado: o crime organizado nasce nos presídios onde tem depósito humano exatamente pela preocupação do preso em manter sua família viva aqui fora. Então eles organizam esquemas, uma forma de dar sustentabilidade à família. A organização acaba servindo os presos, aos seus familiares, dando proteção dentro e fora da cadeia.”⁸

Novato: Vai se foder! Pensa que a gente é jornalista de esquerda e acredita em lenda? Você sai, eu morro, a organização continua firme, minha

família permanece em cana lá fora. 'Tá olhando o quê filho da puta!

Luzes piscam. Novato e a Jovem Mulher, compondo um casal, deslocam-se para frente do palco. Ao fundo, posiciona-se o Anarquista. Enquanto o casal fala o texto abaixo, o Anarquista, mudo o repete na íntegra, como se fosse uma dublagem ou como se as vozes do casal viessem do Anarquista.

Novato: "O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes...

J. Mulher: como tirania levada aos mais ínfimos detalhes...

Novato: ... e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente 'justificado',

J. Mulher: ... é puro, é inteiramente 'justificado'...

Novato: ... visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício:

J. Mulher: ... de adorno a seu exercício.

Novato: Sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem."⁹

Luz em resistência. Luz branca

Anarquista: Século 19, últimas décadas: "Uma jovem geração que não havia conhecido os atentados e não queria conhecer o sindicato, inquietava-se. Abandona as estéreis polêmicas, recorda as origens da anarquia e o grito de Proudhon: 'a propriedade é o roubo!' Recorda Kropotkin:

Estamos todos presos

‘Nossa ação deve ser a revolta permanente pela palavra, pela escrita, pelo punhal, o fuzil, a dinamite [...]. Tudo que não é a legalidade é bom para nós’. Se a indignância dos miseráveis explica-se pelo roubo permanentemente realizado pelos patrões, proprietários e burgueses, roubar a esses últimos constitui legítima defesa! E porque o roubo é reprimido pela lei, é ilegal, celebra-se o ilegalismo.”¹⁰

Black-out

Cena 4. Terrorismo 1 e 2

Terrorista 1 e Terrorista 2

Terrorista 1: Me classificaram terrorista e me enfiaram em uma cela de segurança máxima. Claudio Lavazzo, Espanha, final do século 20: “Não desejo justificar meus atos a esta sala, não me importo, de forma alguma, com sua opinião ou decisão, não quero nenhum tipo de trato com meus inimigos. Tampouco quero me justificar ante a opinião pública, a mesma que permite e olha com indiferença a miséria diária e a eliminação de milhares de pessoas, indignando-se com a morte dos policiais. Quando somos nós que disparamos, dizem que somos assassinos e quando é a polícia que mata ‘foi feito a justiça’.”¹¹

Terrorista 2: Me classificaram terrorista e vão cortar minha cabeça na guilhotina. Émilie Henry, França, final do século 19: “As minhas mãos estão cobertas de sangue, tal como sua toga! De resto, não tenho que lhe responder. Não reconheço a tua justiça; estou contente com o que fiz!... Ninguém é inocente!”¹²

Black-out

Intermezzo 1

O Revoltado

Revoltado: “O arco se verga, a madeira geme. No auge da tensão, alçará vôo, em linha reta, uma flecha mais inflexível e mais livre.”¹³

Black-out

Cena 5. Dois casais na prisão

Dois casais anarquistas na prisão. Alexander Berkman e Emma Goldman, e Julian Beck e Judith Malina.

O casal do intermezzo permanece em cena. Foco de luz sobre cada um. Ele, agora se chama Alexander Berkman, e ela Emma Goldman, anarquistas presos nos Estados Unidos, no começo do século 20. Mais tarde, aproxima-se de Emma Goldman a atriz-anarquista americana Judith Malina, presa no Brasil pela Ditadura Militar e seu companheiro ator-escritor-anarquista Julian Beck.

A. Berkman: “Um senso de completa indiferença se apossa de mim. Eu me estico no banco de madeira ao longo da parede da cela e caio imediatamente no sono. Acordo sentindo-me cansado e com calafrios. Tudo está quieto e escuro em volta de mim. A cela é sufocante e mofada; o ar sujo me dá náuseas. E agarro as grades. A sensação do ferro é tranqüilizadora. Pressionada próxima à porta, minha boca na estreita abertura, eu tomo fôlego com rápidas e curtas inalações de ar. Eu estou quente, transpirando.”¹⁴

E. Goldman: Alexander, “fui à Filadélfia para pedir doações e ajudar a organizar o movimento para tirar você da prisão. Os jornais da tarde desvirtuaram meu discurso. Disseram que eu havia incitado a multidão à revolução. ‘Emma, a Vermelha

Estamos todos presos

possui uma grande oratória, sua língua mordaz era justamente o que o povinho precisava para destroçar Nova Iorque'. Também afirmavam que uns robustos amigos me tinham feito desaparecer, e a polícia seguia o meu rastro."

A. Berkman: "O silêncio cresce, melancólico, opressivo. Inunda-me com misteriosa reverência. O silêncio vive. Eu ouço sua respiração acelerando-se. Ah! É o guarda! É a vigília da morte?"¹⁵

E. Goldman: "Na segunda manhã depois de ser presa fui transferida para outra prisão. (...) A partir do segundo dia a quietude se fez opressiva e as horas se arrastavam interminavelmente. Comecei a me sentir cansada pelo constante ir e vir da janela e da porta, da janela e da porta. Estava tensa pelo esforço em ouvir um som humano."

A. Berkman: "Meu ânimo natural é esmagado por uma apreensão inominável."¹⁶

E. Goldman: Inominável. (*Pausa*) "Durante a noite tive uma forte dor de cabeça. A luz elétrica queimava meus olhos. Golpeei a porta. Exigi ver o doutor. Veio uma mulher, a doutora. Deu-me um medicamento e lhe pedi algo para leitura ou, ao menos, algo para costurar. No dia seguinte me deram toalhas para cerzir. Costurei horas e horas, desesperadamente."¹⁷

J. Malina: (*Aproxima-se de Emma Goldman*)... desesperadamente. "Tive forças para falar a Julian: 'Estou com medo'. 'Julian respondeu: 'Tenha coragem'. Aliás eu sofro de ligeira claustrofobia e tenho certo medo de escuro, mas Julian acrescentou: 'Eu te amo' e o medo diminuiu'."¹⁸

Luz Geral no teatro. Aparece Julian Beck.

J. Beck: Eu Julian Beck. (*Dirige-se até Alexander Berkman, passa o braço pelo seu ombro e diz:*) Ele, Alexander Berkman, anarquista, começo do século 20. Eu, Julian Beck, anarquista, final do século 20. “A Revolução Anarquista Não-Violenta é a mudança gerada pela produção e distribuição de tudo o que as pessoas precisam sem o uso de suborno coercitivo, violência ou trabalho rancoroso. (*Atravessa a platéia falando*) Significa tentar viver junto, sem leis punitivas, cadeias, polícias, exércitos, e o controle exercido pelo dinheiro sobre o trabalho, a produção e o caráter humano.

J. Malina: Não pode ser a mudança imposta por uma nova classe dominante. Os anarquistas acreditam que é possível alimentar a todos e resolver melhor todos os problemas da condição humana sem o incentivo do dinheiro, sem regras que sugerem que se você não trabalhar você não come, e sem os padrões de vida impostos por sistemas políticos e econômicos.

J. Beck: Os anarquistas acreditam que todos os homens podem fazer o trabalho que querem e podem viver juntos de maneira pacífica e criativa, pois a mente humana que inventou o intrincado sistema-de-produção-por-meio-da-exploração e a regulação do consumo-por-meio-do-desejo-e-da-superprodução irá inventar jeitos de alimentar todas as pessoas sem o uso da violência ou medidas coercitivas. (*Volta para o palco*) Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?”¹⁹

E. Goldman: Livre-se do sistema monetário, afirma o

Estamos todos presos

Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?

J. Malina: Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?

A. Berkman: Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?

Black-out

Cena 6. Existimos: X, Y e Z

X, Y e Z.

X: “Não existimos, a menos que estejamos profunda e sensualmente em contato com o que pode ser tocado, mas não conhecido.”²⁰

Y: “O criminoso é sempre um juiz solitário; em virtude de sua solidão o compreendemos.”²¹

Z: “Se julgar é tão repugnante, não é porque tudo se equivale, mas ao contrário porque tudo o que vale só pode se fazer e se distinguir desafiando o juízo.”²²

Black-out. Z ilumina a platéia com duas lanternas de bolso. Black-out.

Cena 7.²³ O Despovoador

X, Y, Z, Jovem Mulher e Novato

Z: “Em pé no topo da grande escada desdobrada ao máximo e erguida contra a parede os maiores podem tocar com a ponta dos dedos a borda do teto.

Y: Aos mesmos corpos a mesma escada erguida verticalmente no centro do chão lhes fazendo ganhar meio metro permitiria explorar à vontade a zona fabulosa dita inacessível e que portanto em princípio não o é de modo algum. Pois um recurso desses para a escada é concebível.

Z: Bastaria uns vinte voluntários decididos conjugarem seus esforços para mantê-la em equilíbrio com a ajuda se necessário de outras escadas fazendo as vezes de contrafortes.

J. Mulher: Um momento de fraternidade.

X: Mas esta fora as ondas de violência lhes é tão estranha quanto as borboletas.

Y: Não tanto por falta de coração ou de inteligência quanto por causa do ideal do qual cada um é presa.

Z: Isso para o zênite inviolável onde se esconde aos olhos dos amantes de mito uma saída rumo a terra e céu.

Novato: Isso para o zênite inviolável onde se esconde aos olhos dos amantes de mito uma saída rumo a terra e céu."

Black-out

Cena 8. Uma receita dos nossos dias

O Elenco.

"Receita para aprisionar-se no corpo.

J. Mulher: Escolha um tipo: moderno, conservador,

Estamos todos presos

eclético (o mais indicado), punk, hippie, yuppie, manu, emo (ao seu gosto).

- Z: Procure em revistas e guias, ou na internet as opções de roupas, músicas, gírias, etc, indicadas para o seu tipo.
- 1: Procure pessoas através de sites de relacionamento que correspondam ao seu tipo (não se preocupe, você pode escolher mais de um tipo se quiser).
- 2: Se o que você prefere não corresponde aos valores adequados de comportamentos aos quais está habituado, você pode criar avatares paralelos nestes sites de relacionamentos, ou – melhor ainda – no *second life*.
- Novato:* Procure um médico, psicólogo, psicanalista e coloque suas aflições. Se não for suficiente ele lhe indicará um psiquiatra que poderá prescrever-lhe remédios que ajudarão no seu auto-controle.
- Y: Para alguns desvios mais leves de sua personalidade, existe a possibilidade de colocá-los em prática nos mesmos sites de relacionamento, *second life*, *blogs*, *fotologs*, etc.
- 3: A internet é um meio seguro para você e para os outros que te circundam.
- X: Mas, espere, a sua vida com qualidade só estará completa se também fores altruísta: é preciso policiar os outros, e ajudá-los através de denúncias às instituições que possam cuidar destes desviados graves.
- J. Mulher:* Importante! Alguns comportamentos, que pertencem a certos tipos, ou que borbulham

no seu interior, não são adequados para serem colocados concretamente no seu dia-a-dia, mas isso a sua consciência tratará de dizer. (Canta imitando Marilyn Monroe “Diamonds are the girls best friends!”).

- 4: Nem todos têm a sua consciência e autonomia, alguns ainda precisam de ajuda externa.
- J. Mulher:* Agora é só abrir o casaco, apertar o botão, e...Bum!”²⁴

Black-out

Intermezzo 2²⁵

Ouve-se “Don’t let me down”, Beatles. Uma mulher sentada escreve carta a seu amado na prisão. Este redige carta para seu amor fora da prisão. Ele se levanta, sobe num banco e se desnuda. Ela sai para a vida nas ruas da cidade. Os demais componentes do elenco estão divididos em 2 grupos: o primeiro é composto por duas mulheres e um homem dançando; o segundo por homem e mulher olhando fixo para platéia – o ator é constantemente atizado pela garota de programa e cederá quando vier o black-out, assim como a mulher irá ao encontro do jovem sentado aos seus pés –; os demais são rapazes de programa, sem camisa, e distribuídos pelo espaço cênico. Todos cantam o refrão “Don’t let me down”!

Cena 9. A cantora

Solo de cantora de boite lembrando cantor famoso da época do rádio e uma canção de amor famosa.

Black-out

Estamos todos presos

Cena 10. No ônibus

Louca com seu pequeno filho; Novato; o Cobrador do ônibus; Senhora; o Anarquista; as Operárias 1 e 2 (que fala com sotaque de língua presa); o Policial e a Jovem Mulher.

Sentados no interior do ônibus estão o Cobrador, o Anarquista, a Senhora, a Louca e o Garoto.

Garoto: Mãe, olha o rato!

Louca: A cidade está cheia de ratos. Olha, ele faz o ninho ali. *(A mãe retoma a conversa)* Gostou do almoço? Responde. Responde.

Garoto: *(Querendo encerrar o assunto)* Gostei.

Louca: Ainda bem que não tem mais a internação, senão você não poderia mais experimentar os quitutes que faço para você.

Garoto: Sorte sua. Azar meu.

Louca: Eu detesto andar de ônibus. Pensa que é fácil tomar os remedinhos — não é assim que fala? — e ficar rodando nessa bosta de coletivo! *(Aumenta a voz)* Com esse monte de gente parda e fedida!

Garoto: Mãe, por favor!

Louca: Por favor? Você me põe nesse coletivo e quer o quê, que eu fique quieta, olhando pela janelinha, vendo a *tevezinha*, apreciando esse bando de otários com crachás pendurados no pescoço? *(Aumentado a voz)* Esses empregadinhos que se matam para pagar prestação? Eu não nasci para andar de ônibus.

Cobrador: (Para o garoto) Pede para sua mãe falar baixo... ninguém tem obrigação de ficar aturando... Falta muito para chegar no hospital, e ela, hoje, começou cedo a confusão.

Novato: (Entra no ônibus) Cobrador... na humildade, posso passar por baixo? 'Tô sem bilhete.

Cobrador: Por mim até podia, mas assim você compromete o meu emprego. Sabia que tem câmara, fora os fiscais que você nunca sabe quem é?

Novato: Não tem nada aí. Você acha que eles iam colocar uma câmara em cada ônibus... e fiscal anda com crachá.

Louca: Deixa o menino passar.

Cobrador: Não se mete. Se 'tá com pena desses vagabundos, paga a senhora.

Novato: Vagabundo não. 'Tô conversando... esqueci o bilhete. Pego esse ônibus todo dia, você me conhece.

Cobrador: E daí. Cada vez que você pega tem que pagar, esse é meu trabalho... Senão vira festa. Não te conheço nada.

Senhora: Deixa que eu pago para o menino.

Louca: (Para o Novato) Não tem dinheiro para pagar o ônibus, mas tem dinheiro para comprar droga, né?

Senhora: A senhora não pode falar assim. Hoje é ele, amanhã pode ser o seu neto.

Louca: Olha a cara do safado... Conseguiu, né?

Estamos todos presos

- Garoto:* Mãe...
- Louca:* Depois eu que sou louca!
- Novato:* *(Para a Senhora)* Obrigado, senhora. *(Para a Louca)* E a senhora não tem o direito de falar assim comigo.
- Cobrador:* Cala boca. Você já conseguiu a passagem. Senta lá no fundo e fica na sua.
- Sobem duas mulheres, com os crachás da firma pendurados.*
- Operária 1:* Você viu no jornal?
- Operária 2:* O quê?
- Operária 1:* Os *china*. Os caras, trabalham tipo escravo, direto, para ganhar uma merreca.
- Louca:* Ei, vocês aí! Nem lêem jornal direito. Burras!
- Operária 2:* Que falta de educação falar assim...
- Operária 1:* Ninguém 'tá falando com a senhora.
- Louca:* É burra sim. Vou ensinar. Eu era professora. *(Para o Novato)* E você aí menino, presta atenção para ver se aprende.
- Cobrador:* Lá vem discurso...
- Garoto:* Mãeee...
- Louca:* Quando era só comunismo todo mundo trabalhava para o Governo. Agora, eles trabalham também para os donos das empresas, os capitalistas. Não são escravos não. Escravos

foram s negros no Brasil; escravo não ganha salário, mesmo que seja uma merreca como falou essa aí. Nem você é escrava... Nem esse aí que estava encrencando com o menino. É tudo trabalhador. Vão todos enlouquecer como eu, que tive que aturar (*começa a falar rápido e de forma incompreensível*) ...

Garoto: Mãe!

Louca: Tá bom. (*Respira*) Vou voltar a olhar pela janelinha, pra telinha ali na frente...

Operária 1: Que falta de respeito. Você tem que trabalhar, vai com toda boa vontade para o emprego – que ‘tá tão difícil hoje em dia – e tem que ficar ouvindo isso. Pelo menos, não tenho que pagar mais dois ônibus, com bilhete único, eu pago um só e pego três, graças à boa vontade de alguns políticos que ainda pensam na gente que mora longe.

Operária 2: Essa aí deve ser daquelas que ganha bilhete da prefeitura e ainda cospe no prato que come.

Cobrador: Essa louca é um saco. Toda semana ela vai no posto de louco perto do ponto final e fica perturbando meus passageiros.

Operária 1: Nossa, não é lá que tem a escola de inglês que você faz?

Operária 2: É sim. O professor na última aula disse que a minha pronúncia é ótima.

Operária 1: É?

Operária 2: Quer ver? (*Operária 1 consente com a cabeça*) I think! (*Sublinhando o sotaque sibilado*).

Estamos todos presos

- Louca:* Burra, mas fala inglês!
- Cobrador:* Essa louca é um saco!
- Senhora:* Tenha respeito pela doença dos outros... Você nunca sabe o que Deus reserva para você e seus familiares.
- Louca:* Eu não acredito que essa aí é crente... era só o que faltava. Responde para mim, o que você fazia antes de virar crente? Por um acaso você tem o marido ou o filho na cadeia?
- Senhora:* A senhora não tem nada com a minha vida. A boa nova do Senhor vem, quase sempre, pelo sofrimento, seu ou de seus parentes. Jesus poderia tirar essa chaga da senhora, se a senhora ouvisse a palavra do Senhor.
- Louca:* Sabe o que ele acabou de me falar no ouvido? Ih, nem vou contar!
- Cobrador:* Se não parar com essa feira, eu peço para o motorista parar é na delegacia.
- Policial:* Não precisa parar não. Isso aqui é um lugar público, quem põe ordem, se precisar, sou eu. Aqui é da lei, eu sou da lei.
- Louca:* Mostra os documentos!
- Policial:* A senhora é muito abusada.
- Louca:* Não. Não sou abusada, sou louca! Pode perguntar para os psiquiatras. Vai querer me prender? Saiba que estou interdita. Eu sou a louca, não posso ser presa, só tenho que ir nesse lugar toda semana para ser medicada.

Anarquista: “A loucura enuncia verdades insuportáveis”.

Luz pisca. Na penumbra.

Louca: Quem aqui dentro não toma remédio, não está medicalizado, para suportar esse mundo de merda! Essa vida vazia! Essas crianças murchas por dentro, e quase viçosas por fora. Essas operárias conformistas. Esses trabalhadores obedientes. Esses estudantes quase espertos e servis, que baixam a cabeça até para esse aí. Esse mundo cheio de polícia e televisão. Essas pessoas como eu.

Luz. Luz pisca.

Novato: Tudo bem. ‘Tô cumprindo a medida, mas ‘tô na rua. Tenho que ir para escola senão volto para internação. Não sei o que é pior, lá ou aqui. Lá, se não são os monitores e os polícias, são os caras do *partido* que ficam dizendo o que tenho que fazer; aqui, até o cobrador e essa louca dizem o que eu sou e o que eu tenho que fazer; parecem a psicóloga lá do projeto.

Luz pisca. Luz.

Operária 2: Meu irmão era igual ele.

Senhora: Jesus! Só por Deus, glória ao Pai. É mesmo o fim dos tempos.

Louca: E ainda assim, a louca sou eu... por favor, não vai chegar logo essa coisa... prefiro meu remédio.

Novato: (*Saca o revolver, desarma o Policial e anuncia*) É um assalto, passa a grana. Se todo mundo colaborar,

Estamos todos presos

ninguém sai machucado. Vamos velha (*para a Louca*) bota o dinheiro aqui, e você Curintia (*em alusão ao Corinthians, diz ao Garoto*) quietinho. É isso mesmo, vai tudo mundo jogando a carteira e os pertences aqui na sacola... (*Para a Senhora que lhe pagou a condução*) Anda carola fingida joga carteira e bagulhos aqui; vocês duas bacaninhas (*para as operárias*) também...

Operária 2: Mas eu acabei de tirar vale, estou com o dinheiro para pagar contas...

Novato: Você é lindinha, um dia eu desenrolo a sua língua, mas, agora, bote os bagulhos aqui dentro ...

Cobrador: Motorista toca, toca...

Novato: Não toca nada. E você (*para o Cobrador*), não disfarça não, pode esvaziar o caixa aqui e quietinho.

Cobrador: Motorista, não toca não! (*E dá o dinheiro para Novato que desce do ônibus*).

Luzes piscam

Louca: (*Para o filho, olhando pela janela*) Que pena que não tem mais outdoors na cidade.

Garoto: Mãe fique quieta.

Luz pisca. Luz.

Novato: Eu não agüento mais. Nem a minha casa, a escola, a medida, esse bairro de merda e todas essas pessoas que são as mesmas desde que eu nasci, desde sempre. Esse bairro, esses colegas meio bandido meio polícia, meio solução meio

problema, só o meio sem recheio e eu no meio dessa merda! Ninguém me salva, ninguém me tira daqui. Nem eu quero me salvar. Fico entre viver pouco como um rei ou muito como um Zé. Todo otário é capaz de escrever um verso inesquecível: “Estamos todos presos!”

Luz pisca.

Anarquista: “Tentaram me reduzir a pó e não me reduziram, aqui estou eu com a minha corda e com a minha consciência, íntegro e íntegro, fora do alcance de suas armas de longo alcance, de suas experiências homicidas e suicidas, fora do seu sistema solar ou de qualquer outro sistema – eu o rebelde, o rebelado, mesmo que apenas um desertor: o desertor no deserto. (...) Mesmo morto continuarei dando meu testemunho de morte. Esta chuva imóvel serei eu que estarei cuspidando.”²⁶

Luz pisca.

Louca: ... essa vida vazia! Essas crianças murchas por dentro, e quase viçosas por fora. Essas operárias conformistas. Esses trabalhadores obedientes. Esses estudantes quase espertos e servis, que baixam a cabeça até para esse aí. Esse mundo cheio de polícia e televisão. Essas pessoas como eu.

Luz pisca.

Novato: Tudo bem. Tudo bem, nada. Tudo bem? É só o que eu ouço. Como posso estar bem? Como? É só surra. Em casa as coisas só funcionavam na cinta. Ardia! Depois começaram murros na cabeça, chutes onde pegava... Depois cresci e metem o pau. E batem de pau. E você acha que

Estamos todos presos

eu vou revidar contra minha mãe e meu pai? Aí vou para a escola. E tome! Porque sou o mais novo, o mais quieto, nem preciso ser fraco, porque me atacam em bando. Porque não me suportam. E porque não me suportam? *(Pausa)* Eu não vou contar.

Luz pisca.

Operária 1: Toda vez que eu vejo uma coisa como essa eu me lembro de como foi difícil compreender a morte de minha irmã. Eu não sei porque. Minha mãe era calma. Meu pai era calmo. Eu sou calma e pacífica, você sabe! Um dia, de repente minha irmã apareceu chorando e sem um dente, a boca cheia de sangue. E eu perguntei o que tinha acontecido. Ela virou o rosto e foi lavar a boca.

Operária 2: O que tem isso a ver com a morte de sua irmã?

Operária 1: Noutro dia ela estava chutando todas as portas de casa. Meus pais tinham saído pra igreja. Tentei conversar. Não deu.

Operária 2: Ela era louca?

Operária 1: Pior que não. Mas às vezes, dava esse negócio e ela chutava, chorava, gritava... mas, sempre passava. Minha mãe orava. Meu pai saía de perto.

Operária 2: E aí?

Operária 1: Um dia, voltamos da igreja e ela começou a ter isso de novo... Minha mãe não agüentou. Sacudiu ela e pegou no pescoço. Minha mãe estava com uma cara estranha, não parecia ela. Mas ela continuou apertando e gemendo e

minha irmã não gritava; só com aqueles olhos esbugalhados. Meu pai olhava e virava a cara. Eu vi que ela ficou mole e comecei a berrar: — larga dela, larga dela! Meu pai me deu um tapa e mandou eu calar a boca para sempre...

Luz pisca.

Novato:

Tudo bem. Tô eu nesse ônibus, de novo. Quando aconteceu, eu achei que nunca mais eu ia andar nisso. Foi uma surpresa. Apareceram umas pessoas na escola, dizendo que eram de um lugar de não sei onde nem porque. Só sei que eles diziam que traziam uma oportunidade por um concurso de história de vida da gente, da gente desse lugar, da periferia, da comunidade. A melhor história ganhava um prêmio e um curso que ia virar um trabalho. Desses de escrever e de assistência. Eu ganhei. Fiz o curso direitinho, mas eles não gostavam muito de mim, do meu jeito; acho que duvidavam que eu tinha escrito a redação. Trabalhei uns meses lá. Acabou.

Luz pisca.

Policial:

(Para o Novato): Você tem que ser esperto. Quando eu tinha sua idade era a mesma coisa. Ficava andando por aí, sempre me metendo em encrencas. Fumava com uma turma daqui, cheirava por ali... Quando eu não tinha pó, ia cola mesmo. Foi quando começou a *rolar pedrinhas*... Pirei! Era naquilo todo dia. Não pensava em outra coisa. A loucura aumentou e a confusão também. Aí dei um jeito. Conheci um cara, tipo eu com você aqui, que me apresentou um lance legal. Bom... Entrei pra polícia. Agora, 'tô te dando a mesma oportunidade. Topa? Vamos até ali, a gente fuma um e eu te conto como fazer... *(Ambos descem do ônibus).*

Estamos todos presos

Luz pisca. O Policial e o Novato já estão sentados lado a lado.

Operária 1: (Falando com a amiga Operária 2) Eu nem ligo muito pra essa louca. Nem ligo mesmo. Mesmo. Minha mãe foi parar num lugar pior. No Manicômio Judiciário. Dali não se sai mais. Ninguém visita. É lugar de morto-vivo. É o lugar merecido pra minha mãe.

Luz pisca.

Garoto: Com chama este tipo de crime?

Luz pisca.

Anarquista: (No centro do palco, na escuridão e sob um foco de luz) Não consta nem no Código Penal: inominável!

Luz pisca.

Cobrador: (Cobrador levanta-se e começa a andar pelo ônibus) Todo dia a mesma coisa. Todo dia a mesma gente. Ainda chego em casa e tenho que aturar minha mulher reclamando das crianças, das contas, da comunidade, da vizinha, do conselho... como ela não encontra emprego nem de doméstica. (Digressão: Ela era linda, a mais linda; toda noite de sábado no baile. Linda, rebolando. Perfeita. Gostava tanto...). Fica em casa dia inteiro. As crianças enchem o saco. Feias e sujas e berrando. E meto a comida ruim pelos olhos, a cara na tv e durmo. Não penso em nada, porque se tiver que pensar como agora, mato todos, esquartejo, meto fogo, lavo a casa e a cara, e durmo em paz. Definitivamente.

Luz pisca.

J. Mulher: (Que também era Operária 2, vindo do fundo do palco): Tudo bem. Tudo bem nada. Agora eu

ando com esse aí e até dá pra viver. Também se não for ele, eu me arrumo com coisa parecida. Tudo é parecido. Mas eu sei que se não rolar uma sorte, eu embucho de um deles e aí começa a descida pro inferno. Cuidar de casa e ficar seca ou gorda é a melhor das histórias. E vai até a prisão, com filho pendurado, colega pra arranjar namorado, um tanto de comida e uma trepada na visita íntima. Ou, então, vira funcionária de malandro, pega cana escondendo bagulho dos outros e sem saber quando vão me pegar em casa ou uma bala, vindo sei lá de onde, vai me atravessar. (*Cai alvejada*).

Garoto: Mãe, olha um rato!

A mãe olha.

Garoto: Um dia... um dia... era uma vez, uma garoto como eu.

Elenco sobre nas poltronas como bando de babuínos.

Resistência até Black-out

Cena 11. O incomum, o estranho

Novato: “A política na sociedade de controle permanece sendo a guerra prolongada por outros meios: diplomática, racista, terrorista, macabra. E neste medonho festim de sorrisos e de ameaças as pessoas despovoadas de si se conformam com democracia, participação, voto, ongs, televisão, software livre, os independentes daqui e dali, partidos, centros de informática, educação para todos. Sociedade de controle é *para todos*; é para *integração*.”

Anarquista: Sociedade de controle é para todos; é para

Estamos todos presos

integração. Não suporta os rebeldes, porque [nós] desestabilizam[os] até revoluções.

X: Não suporta os rebeldes, porque [nós] desestabilizam[os] até revoluções.

Y: Os rebeldes não aceitam acomodações em seu interior, nem se consolam com utopias ou votos válidos, brancos ou nulos. São artistas da vida, amigos das experimentações de liberdade, não se amedrontam diante de ameaças. Resistem.

Anarquista: Resistem.

Novato: Resistem.

Anarquista: Na era da comunicação instantânea e dos efêmeros, repare no rebelde que se aproxima, agora, de perto, quase imperceptível, invisível.

Elenco: *Alternadamente até tornar uma algaravia.*
Imperceptível. Invisível.

Novato: Na era da comunicação instantânea e dos efêmeros, repare no rebelde que se aproxima, agora, de perto, quase imperceptível, invisível. Vírus? Tuiiiiiiiiiimmm MÁQUINAS DE GUERRA!"²⁷

Elenco-vírus, mesma posição inicial de Novato em pé.

Black-out.

Elenco avança silenciosamente como bando de babuínos.

Luz em resistência. Black-out.

F I M

Notas

¹ Aula teatro 4 do Nu-Sol. Pesquisa de texto por: Acácio Augusto, Anamaria Salles, Beatriz Carneiro, Edson Passetti, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Edson Lopes, Juliana Meduri, Eliane Knorr, Lúcia Soares, Mauricio Freitas, Natalia Montebello, Nildo Avelino, Salete Oliveira, Thiago Rodrigues. Preparação de textos: Bruno Andreotti, Gustavo Simões, Thiago Rodrigues. Escritos de: Albert Camus; Alexandre Berkman; Alphonsus de Guimaraens; Cláudio Lavazzo; Campos de Carvalho; D.H. Lawrence; Edson Passetti; Eliane Knorr; Emma Goldman; Folha de S. Paulo; Gilles Deleuze; Jean Maitron; Jean-Pierre Vernant; Josmar Jozino; Judith Malina; Julian Beck; Michel Foucault; Oscar Wilde; Pierre-Joseph Proudhon; Renaud Thomazo; Rogério Duarte; William da Silva de Lima. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Juliana Meduri (nas duas primeiras apresentações), Lúcia Soares, Mauricio Freitas, Salete Oliveira, Thiago Rodrigues. Produção Gráfica: Andre Degenszajn. Operadoras de luz: Anamaria Salles e Natalia Montebello. Operador de som: Bruno Andreotti. Coordenação e direção de Edson Passetti. Apresentada em: 10 e 11 de novembro de 2008 e 16 e 17 de fevereiro de 2009. A versão deste texto confere com a última apresentação de fevereiro de 2009.

² Julio Cortazar. *a volta ao dia em 80 mundos*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 174-176.

³ Oscar Wilde. “A Balada do Cárcere de Reading”. Tradução de Paulo Vizioli. <http://www.casadobruno.com.br/poesia/o/oscar01.htm>

⁴ Alphonsus de Guimaraens. *Ismália*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

⁵ Julian Back. “Transformar o ânimo” (1983). Tradução do italiano de Nildo Avelino. In Revista *Verve*. São Paulo, Nu-Sol, v. 11, 2007, p. 10.

⁶ William da Silva Lima. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/ISER, 1991, pp. 12-13.

⁷ “Estatuto do Primeiro Comando da Capital”, artigos 16 e 7 in Josmar Jozino. *Cobras e lagartos*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2004, pp. 36-38.

⁸ Folha de S. Paulo, 14 de setembro de 2008, p. I-2.

⁹ Michel Foucault e Gilles Deleuze. “Os intelectuais e o poder” in David Lapoujad (org). *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo, Iluminuras, 2007, p. 268.

¹⁰ Renaud Thomazo. *“Mort aux bourgeois!” Sur les traces de la bande à Bonnot*. Tradução de Nildo Avelino. Paris, Larousse, 2007, p. 104.

¹¹ Cláudio Lavazzo. <http://flag.blackened.net/pdg/presos/paginapresos/claudio/contribuci%F3n.htm>, Tradução de Acácio Augusto, 10/06/2004.

Estamos todos presos

- ¹² Jean Maitron. “Émile Henry, o benjamim da anarquia” in Revista *Verve*. São Paulo, Nu-Sol, 2005, vol. 7, p. 20.
- ¹³ Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 351.
- ¹⁴ Alexander Berkman. *Prison Memoirs of an Anarchism*. (originally published in 1912 by Mother Earth Publishing Association). Tradução de Beatriz Carneiro. New York, Shocken, 1970. Parte I Capítulo VI. A cadeia, p. 45-46.
- ¹⁵ Idem.
- ¹⁶ Ibidem. Parte II, Capítulo III, O Silêncio espectral, pp. 120-121.
- ¹⁷ Emma Goldman. *Vivendo mi Vida*. Tradução de Juliana Meduri. Madrid, Fundación Anselmo Lorenzo, 1996, pp. 153-156.
- ¹⁸ Judith Malina. *Diário de Judith Malina: O Living Theatre em Minas Gerais*. Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais e Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, 2008.
- ¹⁹ Judith Malina e Julian Beck. *Paradise now* (1968). Criação coletiva do The Living Theatre. Tradução de André Degenszajn. New York, Vintage Books Edition, 1971, pp. 96-97.
- ²⁰ D.H. Lawrence. “Não-existência” in William Blake & D.H. Lawrence. *Tudo o que vive é sagrado*. Seleção, tradução e ensaios de Mário Alves Coutinho. Belo Horizonte, Crisálida, 2001, p. 153.
- ²¹ Rogério Duarte. *Tropicacos*. Rio de Janeiro, Azougue Tropical, 2003, p. 36.
- ²² Gilles Deleuze. “Para dar um fim ao juízo” in *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997, p. 153.
- ²³ Cena criada para a apresentação de 11 de novembro de 2008 e que permaneceu na versão final de 2009. Samuel Beckett. *O despovoador*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. Martins Fontes, São Paulo, 2008, p. 12.
- ²⁴ Uma invenção de Eliane Knorr de Carvalho.
- ²⁵ Intermezzo 2, criado para a versão de fevereiro de 2009.
- ²⁶ Walter Campos de Carvalho. *A chuva imóvel*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008, p. 127.
- ²⁷ Edson Passetti. *Anarquismo urgente*. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 2007, p. 120.

Indicado para publicação em 2 de março de 2009.